

Atos

O Senhor Sempre Cumpre Sua Palavra! (18:9–22)

A pesar do brilho do sol, havia uma brisa fria no ar. Era final de outubro de 1989 e nosso pequeno grupo estava reunido nas ruínas do *agora*, “a praça” principal. Então, levantei-me diante dos outros para ler o julgamento de Paulo perante Gálio. Atrás de mim havia a tribuna, a plataforma de pedra onde o referido romano sentou-se como réu. Atrás da tribuna, a Acro-Corinto se elevava até o céu. Limpei a garganta e comecei: “Quando, porém, Gálio era procônsul da Acaia, levantaram-se judeus, concordemente, contra Paulo e o levaram ao tribunal...” (18:12).

O grupo turístico com o qual eu estava viajando chegou à cidade de Corinto, o sítio de um dos trabalhos mais notáveis de Paulo. As duas maiores cidades nas quais Paulo trabalhou durante suas três viagens missionárias foram Corinto e Éfeso; ele passou dois anos nesta e, pelo menos um ano e meio naquela.

Já vimos o início do ministério de Paulo em Corinto, quando o apóstolo enfrentou o medo e a dúvida. Encerramos a lição passada com Jesus aparecendo a Paulo para dar-lhe segurança em Deus. Começaremos esta lição com as promessas que Jesus fez a Paulo e, a seguir, verificaremos o cumprimento delas. A mensagem para nós consiste em que o Senhor sempre cumpre Sua palavra! Você pode firmar sua vida — e sua alma — nesta verdade.

A PROMESSA DADA: PAULO NÃO SOFRERIA MAL ALGUM (18:9, 10)

Quando o Senhor apareceu a Paulo, disse primeiramente: “Não temas; pelo contrário, fala e não te cales” (v. 9). Infelizmente, alguns de nós não falamos por medo. Jesus garantiu a Paulo: “porquanto eu estou contigo” (v. 10a). Se pudessemos nos lembrar disso, perderíamos muito do medo de falar dEle (Mateus 28:19, 20).

A seguir, o Senhor deu a Paulo duas promessas: uma declarada e outra implícita. A promessa declarada era: “Ninguém ousará fazer-te mal” (v. 10b). Isto sugere que Paulo temia o inevitável mal causado pelos judeus invejosos. Talvez ele até pensasse já ter feito em Corinto tudo o que estava ao seu alcance, e estivesse pensando em sair, antes que seus inimigos tivessem uma oportunidade para maltratá-lo. Até homens fortes podem se abalar sob constante pressão. Mas Cristo deu a Paulo a promessa solene de que, em Corinto, ele não sofreria mal algum, como sofrera nas outras cidades.

Vinculada a essa promessa declarada havia uma promessa implícita nas palavras de Jesus: “pois tenho muito povo nesta cidade” (v. 10c)¹. Essa promessa relaciona a garantia de Deus de que Ele constituiria “dentre os gentios, *um povo* para o seu nome” (15:14; grifo meu). Deus, que conhece o coração do homem, sabia que existiam gentios receptivos em Corinto, os quais se

¹Deus tinha “muito povo” em Corinto num sentido *futurístico*. A passagem não ensina que Deus predeterminou quem seria salvo e quem seria perdido. Todos os exemplos de conversão que temos estudado enfatizam que todo homem pode aceitar ou recusar o evangelho.

converteriam a Ele se tivessem tal oportunidade². Com efeito, Jesus estava prometendo a Paulo que se ele permanecesse na cidade e continuasse a pregar, muitos seriam batizados³. (Sem dúvida, o Senhor também poderia nos dizer que tem “muito povo” em nossas cidades e regiões — mas eles nunca O conhecerão, a menos que falemos dEle!)

As garantias de Jesus transformaram a ansiedade de Paulo em previsão. “E ali permaneceu um ano e seis meses, ensinando entre eles a palavra de Deus” (v. 11). Não sabemos se esse ano e meio foi além do tempo que já tinha passado ali. Nem tampouco sabemos se o período (“muitos dias”) do versículo 18 inclui os dezoito meses⁴. Podemos dizer, com segurança, que Paulo passou no mínimo um ano e seis meses — o segundo maior tempo em que ele já ficou num lugar durante suas viagens — em Corinto, uma cidade que parecia ser o local menos provável para se estabelecer uma igreja. Talvez passemos tempo demais testando solos, quando deveríamos semear mais!

A PROMESSA CUMPRIDA: PAULO NÃO SOFREU MAL ALGUM! (18:12–18)

Geralmente, o cumprimento das promessas de Deus dão-se anos depois. Neste caso, o cumprimento deu-se imediatamente. Nos versículos seguintes, Lucas mostrou como Deus cumpriu Sua palavra — operando através de um pagão.

“Quando, porém, Gálio era procônsul da Acaia, levantaram-se judeus, concordemente⁵, contra Paulo e o levaram ao tribunal” (v. 12). Gálio era o oficial romano mais importante que Paulo conheceu em suas três viagens. O irmão de Gálio era o afamado filósofo estóico Sêneca, mentor de Nero. Ele mesmo foi mencionado por uma série de escritores do império⁶ como um homem de considerável influência. O início do proconsulado de Gálio em Corinto pode ser

fixado precisamente em julho de 51 d.C. por causa de uma inscrição encontrada em Delfo⁷.

Note-se que os judeus não levaram Paulo aos magistrados da cidade, como foi o caso em outras cidades, mas ao governador de toda a província da Acaia⁸. Um parecer contrário despachado por um homem como Gálio abriria precedente para todas as outras províncias romanas. O significado político e legal desse acontecimento não pode ser superenfaticado.

Muitos crêem que os judeus levaram Paulo a Gálio quando o oficial romano veio primeiramente a Corinto. Sendo assim, talvez pensassem que Gálio inicialmente se interessaria em estabelecer uma boa relação com o povo da região e ficaria impressionado com um protesto feito por um grande número de cidadãos. O que não podiam prever era a integridade de Gálio.

O versículo 12 diz que os judeus levaram Paulo “ao tribunal”, cujo termo grego equivalente é *bema*. O *bema* era um palco erguido perto do centro do *agora* (“praça”) de Corinto, feito de pedra e coberto de mármore. Era utilizado para várias funções públicas, incluindo o discurso⁹. Mas, o *bema* servia basicamente como o local que sediava um julgamento.

O *bema* ainda está em pé na antiga Corinto. Está bem conservado, com restos de mármore azul e branco sobre sua superfície rochosa. Em frente ao *bema* há um pequeno pilar onde ficava o acusado. Imagine Paulo em pé em cima desse pilar, talvez acorrentado a ele, com o destino nas mãos de Gálio.

Não é dito como os judeus “levaram [Paulo] ao tribunal”. Talvez tenham o arrastado até lá (16:19); talvez tenha sido intimado pela corte. Quando todos os participantes estavam presentes, os judeus fizeram sua acusação solenemente perante o novo procônsul: “Este persuade os homens a adorar a Deus por modo contrário à lei” (18:13). Alguns pensam que a palavra “lei” referia-se à lei de Moisés¹⁰; outros pensam que os

²Deus, que sabe todas as coisas, talvez tenha até olhado para o futuro e visto essas respostas à pregação de Paulo.

³“Muitos” já haviam sido batizados (v. 8). Observe que a proteção de Deus sobre Paulo não foi simplesmente para beneficiar a Paulo, mas para beneficiar as almas receptivas em Corinto — i.e., manter Paulo em Corinto, para pregar a essas almas.

⁴O versículo 11 provavelmente é uma frase sintética de todo o período de Paulo em Corinto e inclui os outros períodos mencionados — mas permanece a possibilidade da estada de Paulo ter sido vários meses além de um ano e meio. ⁵Aqui está um exemplo de unidade errada (veja outro exemplo em 5:9). É extremamente importante haver unidade, mas não é tão importante quanto se fazer a vontade de Deus. ⁶Entre esses escritores incluem-se: Tácito, Plínio, Sêneca e outros. ⁷Essa data contribui para a cronologia de Atos e a datação de 1 e 2 Tessalonicenses. Podemos datar o trabalho de Paulo em Corinto com alguma precisão entre o outono de 50 d.C. e a primavera de 52 d.C.. ⁸Corinto era a capital da província romana da Acaia. ⁹Se lhe foi dada a oportunidade, Paulo sem dúvida pregou dessa plataforma. ¹⁰A NTLH diz: “nossa lei”.

judeus referiam-se à lei romana. Se tratava-se da lei de Moisés, o argumento deles era que, sendo o judaísmo uma “religião legal”¹¹, os judeus deveriam ter garantia de proteção e Paulo deveria ser impedido de perturbá-los. Se estivessem apelando para a lei romana, os judeus estavam acusando os cristãos de promoverem uma religião ilegal, que não estaria sob a proteção de Roma. Em ambas as possibilidades, apregoavam que Paulo (e, por extensão, todos os cristãos) merecia ser punido pelo governo romano.

Até essa altura, teria parecido para os céticos que a promessa de Deus era uma coisa incerta. O Senhor dissera a Paulo: “ninguém ousará fazer-te mal”, mas ali estava ele, como alvo da maldade. Ademais, em todas as outras cidades, quando os judeus resolveram exercer sua influência contra Paulo, ele mal conseguiu escapar com vida (13:50; 14:5, 6, 19; 16:19–24; 17:6–10, 13). Como Paulo conseguiria escapar do mal nessa ocasião?

O versículo 14 diz: “Ia Paulo falar, quando...” Paulo estava pronto para mostrar a estupidez da acusação; provavelmente também estava planejando pregar o evangelho a Gálio (veja Atos 22; 23; 24; 26). Antes que pudesse dizer qualquer coisa, o procônsul tomou a palavra.

Gálio declarou aos judeus: Se fosse, com efeito, alguma injustiça ou crime da maior gravidade, ó judeus, de razão seria atender-vos; mas, se é questão de palavra, de nomes¹², e da vossa lei, tratai disso vós mesmos; eu não quero ser juiz dessas coisas! (vv. 14b, 15).

Pela primeira vez nas freqüentes batalhas de Paulo com os judeus, seus inimigos estavam cara à cara com um oficial romano íntegro, a quem não conseguiram intimidar¹³! Gálio poderia estar confuso quanto às diferenças fundamentais entre o judaísmo e o cristianismo, mas uma coisa ele compreendia: qualquer que fosse a disputa entre Paulo e os judeus, não estava sob sua jurisdição. Se os judeus estavam lhe pedindo para julgar com base na lei romana¹⁴, ele reconhe-

cia que o problema concentrava-se na própria lei judaica. Não hesitou em tirar o caso de julgamento.

Imagine qual foi a surpresa dos judeus quando Gálio ordenou a seus oficiais que esvasiassem o tribunal. Quem não se retirasse o mais rápido possível experimentaria o sabor da vara¹⁵. Assim, Gálio “os expulsou do tribunal” (v. 16).

Lucas acrescentou uma nota de ironia: “Então, todos agarraram Sóstenes, o principal da sinagoga, e o espancaram diante do tribunal” (v. 17a). Há pouco Lucas falara da conversão de Crispo, “o principal da sinagoga” (v. 8); Sóstenes, evidentemente, assumira seu lugar¹⁶. Sóstenes certamente foi maltratado brutalmente porque, como principal dos judeus, ele fora seu porta-voz ao levantar as acusações contra Paulo.

O texto não é claro quanto a quem eram os que espancaram Sóstenes. Alguns textos antigos indicam que “os gregos” o espancaram. Nesse caso, provavelmente havia meliantes que circundavam o *agora*¹⁷ e aproveitaram-se do evento para extravasarem sua antipatia pelos judeus. A melhor amostra de manuscritos tem somente “eles”, tendo como antecedente os judeus (vv. 14–16). Teriam os judeus se voltado contra o próprio líder, pensando que se ele tivesse exposto melhor a questão, eles não estariam naquela má situação?

Ainda mais peculiares são as palavras que se seguem: “Gálio, todavia, não se incomodava com estas coisas” (v. 17b). Geralmente entende-se com isto que Gálio foi indiferente ao espancamento de um inocente — o que não parece estar de acordo com sua personalidade descrita por escritores seculares¹⁸. Talvez “estas coisas” não se refira ao espancamento de Sóstenes, mas às acusações levantadas contra Paulo pelos judeus. Barclay sugeriu que “o significado real é que [Gálio] era absolutamente imparcial e negava-se a deixar-se influenciar” pela delegação de judeus¹⁹.

¹¹Religião lícita. ¹²Parece que, de alguma forma, Gálio ouvira algo sobre o conflito entre judeus e cristãos. Talvez, naquela acusação, os judeus tenham mencionado “palavras e nomes” específicos. Ente as “palavras” certamente se incluíam tais como “salvação” e “ressurreição”, enquanto que a questão de “nomes” certamente revolve o fato de ser “Jesus” realmente o “Cristo”. ¹³Se Gálio precisasse de confirmação política, ele a teria encontrado no fato de os judeus estarem desfavorecidos em Roma, naquele momento (18:2). Mas, ele certamente agiria como agiu, independentemente da situação em Roma. ¹⁴Minha opinião é que a palavra “lei” no versículo 13 referia-se à lei romana, porque era isso que o procônsul era obrigado a impor. ¹⁵Veja as notas a 16:22, 23, 35, 38 na lição “Vidas Transformadas — Com a Ajuda de Deus”. ¹⁶Veja as notas a 18:8 na lição “Não Temas”. ¹⁷Veja as notas a 17:5 na lição “À Procura de Corações Retos”. ¹⁸Se a passagem significa que “Gálio não se incomodava” com o espancamento de Sóstenes, talvez ele tenha visto algum elemento de justiça na ação. Talvez tenha pensado que “o castigo fazia jus ao crime”. ¹⁹William Barclay, *The Acts of the Apostles* (“Os Atos dos Apóstolos”), ed. rev. Philadelphia: Westminster Press, 1976, p. 137.

Qualquer que seja o significado exato do versículo 17, a seqüência dos acontecimentos, na sua totalidade, foi surpreendente. Paulo não só permaneceu intocado, como também defendeu-se²⁰. Os próprios judeus que haviam tramado castigá-lo foram castigados. Deus cumpriu Sua promessa — utilizando o recurso mais inesperado, um alto oficial romano!

Dizem que o reconhecimento da inocência legal de Paulo por Gálio “trouxe dez anos de paz para a igreja”²¹. Assim como a denúncia de sua inocência por Gálio, a soltura de Paulo também abriu um precedente legal para outras províncias. Levava muitos anos para os judeus tentarem novamente influenciar as autoridades romanas a castigar Paulo.

Depois do julgamento de Paulo (ou não-julgamento), ele permaneceu “ali ainda muitos dias” (v. 18a)²². Lucas não registrou detalhes da obra do apóstolo durante esses “muitos dias”, mas podemos ter certeza de que a segunda promessa do Senhor foi realizada: à medida que Paulo continuou a pregar e ensinar, muitos outros tornaram-se cristãos.

Está dentro da esfera de possibilidades o fato de Sóstenes, o dirigente da sinagoga que foi espancado, ser um desses convertidos. Quando Paulo escreveu sua primeira carta aos cristãos de Corinto, mencionou um colega de trabalho chamado Sóstenes, o qual aparentemente era conhecido dos coríntios. Seria interessante especular que Paulo e Crispo teriam visitado Sóstenes depois do espancamento, lavando seus ferimentos e falando-lhe de Jesus — mas temos de deixar tais idéias na esfera da conjectura²³.

Sabemos categoricamente de um outro convertido ilustre em Corinto. Posteriormente,

quando Paulo escreveu a Roma de Corinto, incluiu esta saudação: “Erasto, tesoureiro da cidade” (Romanos 16:23). Não foram somente judeus influentes que se tornaram cristãos em Corinto, mas também um romano influente²⁴! Um achado arqueológico extraordinário nas ruínas de Corinto pertence a esse oficial. No calçamento em frente ao magnífico teatro de Corinto, uma pedra foi assentada com esta inscrição: “Erasto, em consideração à sua edibilidade²⁵, assentou este calçamento às suas próprias custas”. Originalmente as letras em relevo eram de bronze fixadas com chumbo. Hoje, restam apenas as cavidades das letras, sendo, porém, facilmente lidas.

Durante aqueles “muitos dias”, Paulo também teria continuado a pregar o evangelho na região circunvizinha de Corinto, estabelecendo igrejas por toda a Acaia²⁶. É provável que durante esse tempo 2 Tessalonicenses tenha sido escrita²⁷. À medida que Paulo continuou a trabalhar na região, sem ser incomodado nem por judeus nem pelas autoridades romanas e sendo abençoado com uma multiplicidade de conversões, quantas vezes ele deve ter refletido nas promessas de Jesus — e como foram cumpridas de modo assombrosamente maravilhosos!

No final do versículo 18, Lucas lançou uma pequena e estranha observação: “depois de ter raspado a cabeça em Cencréia, porque tomara voto”. Os estudiosos há muito têm relutado com isto: o que era exatamente esse voto, o que Paulo fez exatamente e por que ele o fez²⁸. Lucas não apresenta informações suficientes para respondermos a muitas dessas perguntas, mas podemos ter certa segurança quanto ao *por quê* Paulo fez isso. A razão mais comum para se fazer um voto

²⁰Sugeriu-se que o tratamento justo de Paulo nas mãos de Gálio pode ter sido um fator relevante em seu posterior apelo a Roma (25:11). ²¹Rick Atchley, sermão intitulado “Tomando Coragem e Tomando Corinto”, pregado na igreja de Cristo Southern Hills, Abilene, Texas, em 19 de outubro de 1986. ²²Como Paulo ficou em Corinto mais tempo do que em qualquer outro lugar, poderíamos dizer que Corinto foi a igreja que recebeu mais ensino dentre todas as igrejas em que ele trabalhou. ²³Em Corinto, vi uma inscrição num monumento de pedra com o nome “Sóstenes”. O nome era suficientemente comum a ponto de não se poder identificar dogmaticamente o Sóstenes mencionado em 1 Coríntios 1:1. ²⁴Segunda Timóteo 4:20 menciona um “Erasto” de Corinto, deixando implícito que este teria viajado com Paulo. Pode-se tratar do mesmo homem. ²⁵*Aedile* é o termo latino para o oficial designado como “tesoureiro da cidade” no texto (Romanos 16:23). ²⁶Em 2 Coríntios 1:1 Paulo falou de “todos os santos em toda a Acaia”. Sabemos com certeza que se estabeleceram igrejas em Corinto (2 Coríntios 1:1) e Cencréia (Romanos 16:1) e já sugerimos uma congregação em Atenas (veja as notas a Atos 17:34, na lição “Um dos Maiores Sermões Já Pregados”). Todavia, deveria haver muitos outros cristãos por toda a província. ²⁷Veja a nota 56 sobre a datação de 1 e 2 Tessalonicenses, na lição “Não Temas”. ²⁸Presume-se, geralmente, que era um voto de nazireu temporário (Números 6:1–21), mas nesse voto cortavam-se os cabelos no final do prazo, não no começo. E os cabelos eram cortados em Jerusalém, não fora de Jerusalém. O voto de Paulo e suas respectivas cerimônias provavelmente decorriam de sua formação judaica. Aparentemente, Paulo continuou a praticar certos costumes judaicos que não contradiziam o cristianismo (1 Coríntios 9:20). Veja as notas a 21:23, nas lições “Paulo, Você Fez o Que?” e “Paulo, Como Você Pode?”, sobre essa política de Paulo.

a Deus era para expressar gratidão por uma dádiva divina; sem dúvida, Paulo estava dizendo “muito obrigado” ao Senhor por cumprir Suas promessas!

Enquanto Paulo pregava por toda a Acaia, imagino que ele sempre contava a história que estudamos, concluindo com palavras como: “O Senhor sempre cumpre Sua palavra! Quando Ele diz uma coisa, pode contar com isso!”

CONCLUSÃO (18:18–22)

Os versículos 18 a 22 finalizam a segunda viagem missionária de Paulo. “Mas Paulo, havendo permanecido ali ainda muitos dias, por fim, despedindo-se dos irmãos, navegou para a Síria” (v. 18a). Terminado seu trabalho em Corinto, Paulo fez planos de regressar à Antioquia da Síria, de onde partira três anos atrás. “Levando em sua companhia Priscila e Áqüila²⁹” (v. 18b) — seus companheiros cristãos, amigos e colegas de profissão.

Como somente Priscila e Áqüila foram mencionados, talvez Paulo tenha deixado Silas e Timóteo em Corinto, para darem continuidade ao trabalho lá. Na última vez que lemos a respeito de Silas em Atos ele estava em Corinto (v. 5). Antes de perdemos de vista esse irmão que cantou e orou com Paulo, na prisão, devemos reconhecer sua incalculável contribuição na segunda viagem missionária. Pouco se sabe a respeito do trabalho subsequente de Silas, além do fato de ter trabalhado, posteriormente, com Pedro (1 Pedro 5:12). Mas, temos certeza de que Silas continuou sendo um servo fiel do Senhor.

Paulo e seus companheiros navegaram de Cencreia (v. 18), o importante porto coríntio no Golfo Sarônico. Mais tarde, lemos a respeito de uma congregação em Cencreia (Romanos 16:1), provavelmente estabelecida durante os trabalhos de Paulo em Corinto. A primeira longa parada foi em Éfeso (v. 19a), a capital da província

romana da Ásia e certamente o destino que Paulo, anteriormente, tencionara. Deus o impedira de ir para a Ásia naquela ocasião (16:6), mas essa proibição foi evidentemente retirada. Paulo utilizou o curto período em que ficou em Éfeso³⁰ para testar a receptividade dos judeus.

... entrando na sinagoga, pregava aos judeus. Rogando-lhe eles que permanecesse ali mais algum tempo³¹, não aceitou. Mas, despedindo-se, disse³²: Se Deus quiser, voltarei para vós outros³³. E, embarcando, partiu de Éfeso (18:19c–21).

Paulo deixou Áqüila e Priscila em Éfeso para prepararem o solo até seu regresso (v. 19b)³⁴. Depois de navegar por cerca de um mês, seu barco finalmente desembarcou em Cesaréia, cidade natal de Filipe, o evangelista, e Cornélio, o centurião (8:40; 10:1; 21:8). “Chegando a Cesaréia, desembarcou, subindo a Jerusalém, e tendo saudado a igreja...” (18:22a), referindo-se, talvez, à congregação que se reunia em Cesaréia, ou à igreja de Jerusalém³⁵. Finalmente, “desceu para Antioquia” (v. 22b); sem dúvida, foi mais uma vez recebido calorosamente, relatando, mais uma vez, “quantas coisas fizera Deus com eles” (14:27) durante os três anos em que ele e seus cooperadores trabalharam na Grécia. Certamente Paulo descreveu em seu relato a história do livramento do Senhor em Corinto. Novamente, imagino que Paulo reforçou aos seus ouvintes: “O Senhor sempre cumpre Sua palavra! Você pode contar com isso!”

Ao encerrarmos este estudo, reservemos um momento para analisar as lições do texto para nós. Uma lição é que Deus fica com Seu povo (Isaías 41:10; Hebreus 13:5). Outra lição é que o Senhor dará o crescimento, se formos fiéis na pregação e no ensino (1 Coríntios 3:6, 7). Certamente, o local onde o Senhor nos chamou para trabalhar não deve ser menos convidativo do que Corinto! Espero, porém, que a lição incutida

²⁹Note-se que Priscila é mencionada primeiro, como em Romanos 16:3 e 2 Timóteo 4:19, provavelmente indicando sua proeminência na igreja. ³⁰Não se sabe por que Paulo ficou um tempo limitado em Éfeso. Alguns já sugeriram que ele quisesse regressar a Jerusalém em tempo para a festa da Páscoa (veja a nota 32 abaixo). É mais provável que o barco deles estivesse escalado para ficar apenas poucos dias no porto de Éfeso, enquanto descarregava e recarregava. ³¹Isso não aconteceu muitas vezes (veja 13:42)! ³²O texto ocidental acrescenta estas palavras ao início da resposta de Paulo: “Preciso, de qualquer forma, observar essa festa que acontece em Jerusalém”. Tais palavras não são confirmadas pelas melhores evidências textuais. ³³Sobre a expressão “se Deus quiser”, veja Tiago 4:13–15 (veja também Mateus 6:10; Romanos 1:10; 15:32; 1 Coríntios 4:19; 16:7; Hebreus 6:3). Observe-se que *era* da vontade de Deus, pois Paulo voltou (Atos 19:1). ³⁴Sugeriu-se que Áqüila e Priscila podem ter desejado ficar em Éfeso para abrir uma “filial” de seu negócio de tendas. Tudo o que sabemos é que ali ficaram por anos, promovendo a causa de Cristo (Atos 18:26; 1 Coríntios 16:19). ³⁵No contexto encaixa-se melhor a igreja de Cesaréia; as palavras “subiu” e “desceu” encaixam-se melhor em Jerusalém (8:5; 9:30, 32; 11:2, 27; 13:31; 15:1, 2, 30).

em nossos corações seja que o Senhor sempre cumprirá Sua palavra. Confie em Deus e nas Suas promessas — promessas como:

Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito (Romanos 8:28).

Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? (Romanos 8:31).

Estou confiando no Senhor e nas Suas promessas? Você está?³⁶ ❖

Mostrando Gratidão a Deus

Conta-se a estória de um homem rico que ficou terrivelmente doente, e após sua recuperação sentiu-se tão cheio de gratidão a Deus que orou pedindo que Deus lhe mostrasse uma forma de retribuir Sua bondade: “Talvez eu pudesse construir uma grande catedral que chegasse até o céu”. De acordo com a lenda, um anjo apareceu ao homem e disse: “Você não pode mandar seu dinheiro para o céu, mas pode mostrar sua gratidão”. O anjo conduziu o homem a uma casa paupérrima, onde vivia uma família em miséria; o pai estava doente e sem trabalho, a mãe preocupada com o que faria para comerem, as crianças tinham apenas algumas peças de roupa velha para vestir. O anjo disse ao homem: “Eis aqui um altar para o seu sacrifício”.

A IDOLATRIA — ANTES E AGORA

O espírito de Paulo “se revoltou em face da idolatria” em Atenas. Ele fora criado com base em passagens do Antigo Testamento como Êxodo 20:4, 5; Isaías 44:9–20; Jeremias 10:3–5. O Novo Testamento também condena a idolatria (1 Coríntios 10:4; etc.). Os que defendem a

veneração de imagens religiosas dizem que o que fazem é diferente do que os pagãos faziam. “Não adoramos a imagem propriamente dita”, dizem eles, “mas o que ela representa”. Há, porém, pouca diferença entre a adoração de ídolos do primeiro século e a adoração de ídolos hoje. No primeiro século, adoradores pagãos esclarecidos criam que o ídolo simplesmente representava a divindade que desejavam homenagear, enquanto que os pagãos ignorantes adoravam o ídolo propriamente dito. Igualmente, hoje os esclarecidos podem dizer que uma imagem simplesmente representa Jesus (ou Maria ou um santo), enquanto os ignorantes e supersticiosos dirigem suas súplicas à imagem propriamente dita. “Filhinhos, guardai-vos dos ídolos” (1 João 5:21).

O Poder de uma Palavra

Fred Craddock conta que foi convidado para pregar numa igreja e, após o culto da manhã, um casal o convidou para almoçar na casa deles. Sentaram-se à mesa de domingo, que estava preparada elegantemente e, quando Craddock elogiou o capricho, a esposa pegou um garfo e disse: “Sabe, eu só não gosto destes garfos”. Nisso, o marido a olhou furiosamente, levantou-se, jogou o guardanapo na mesa e disse: “Você nunca gosta das coisas que eu faço para você; não agüento mais isso”, e saiu da casa fuzilando. Craddock, sem saber o que dizer, pegou um garfo, o olhou e disse: “Não acho que seja tão ruim”. Somente depois ficou sabendo que aquele casamento era o segundo para ambos os cônjuges e que a única coisa que o marido havia trazido do seu primeiro casamento foi a prataria. É espantoso o poder de uma palavra. Pode ser uma palavra banal como “garfo”, ou pode ser uma palavra tão significativa como “lar”.

³⁶Se esta lição for usada num sermão, podem-se incluir as promessas de salvação feitas por Deus, utilizando Marcos 16:16; Atos 2:38; etc. Se confiarmos nas promessas de tais versículos, obedeceremos aos mandamentos neles presentes.

Autor: *David Roper*

Série: *Atos*

© Copyright 2002, 2003 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS